

O economista Carlos Lessa, do PMDB, lembra que o País dispõe de imensos recursos para vencer a crise, sem mais recessão: chegou a hora do mercado interno.

O que a oposição recebeu contra a crise

O Brasil precisa desatrelar sua política econômica da conjuntura internacional, a fim de baixar as taxas de juros; o País precisa examinar com atenção a alternativa da adoção da taxa de câmbio dupla, ou a da centralização de todas as operações cambiais no Banco Central. São afirmações do professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Carlos Lessa, que, em nome dos economistas da oposição, criticou ontem, no Rio, o recente discurso do ministro Delfim Neto.

Segundo o economista e ex-presidente do Ierj — Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro —, todas as entradas de capitais, quer pela Resolução 63 ou Resolução 4.131, passivas ou ativas, seriam assumidas pelo Banco Central, bem como o risco cambial, que as repassaria em cruzeiros internamente. Dessa forma, não haveria necessidade de se obedecer às taxas de juros no mercado internacional.

Mostra Carlos Lessa que a nossa relação exportações versus Produto Interno Bruto não representa mais que 8%, sendo artificial essa dependência do Exterior da economia brasileira. Como o mundo está entrando numa profunda crise, da chamada terceira revolução industrial, não vê necessidade de importarmos todos os choques externos, defendendo uma expansão do mer-

cado interno como forma de desenvolvimento.

Carlos Lessa é também diretor da Fundação Pedroso Horta. Juntamente com Maria da Conceição Tavares, Celso Furtado e Rómulo de Almeida ele está elaborando um programa econômico alternativo para o PMDB. Como outros economistas, a exemplo de Luciano Coutinho, João Sabóia, João Manoel de Mello Cardoso e Eduardo Suplicy, Carlos Lessa está-se candidatando a deputado federal porque acha importante levar ao Congresso o debate da crise brasileira.

Lessa entende que a crise está estreitando os canais de decisões da sociedade brasileira. A própria reunião das 9 do Palácio do Planalto está menor. O "sistema" se reúne em churrascos, como o recente do ex-ministro Faílão, mas os chamados "anéis burocráticos", em que os empresários, tecnocratas e militares podiam exercer pressões, estão-se esfacelando. O ministro Delfim Neto apenas repre-

senta que tem poder, mas na verdade não o tem mais. Acha Lessa que a crise terá de ser debatida no Congresso, com todos os setores da sociedade atuando para se encontrar soluções.

Destaca que a "linha dura" do ex-ministro Bulhões, de extinção total e imediata dos subsídios à agricultura, levaria o País a uma brutal recessão. Essa medida, a seu ver, provocaria a elevação dos preços agrícolas e a redução da base monetária, trazendo aperto de liquidez, com a inevitável cadeia de falências. Com o aperto da liquidez, as taxas de juros internas "iriam aos céus", aprofundando a recessão.

Segundo Lessa, Delfim Neto conseguiu uma recessão, a pior que o Brasil já experimentou nos últimos 50 anos, sem nenhum benefício substancial para a economia, apenas pela contração da base monetária e estreitamento da liquidez.

A expansão atual da base monetária é bem menor do que os índices de inflação, o que, na opi-

nião de Lessa, significa que a inflação atual não pode ser explicada pela base monetária.

Acha Lessa que o Brasil, apesar da crise internacional, é um dos países que maior potencial de crescimento apresenta no mundo todo. É a sétima economia industrial, o grosso de sua população está urbanizada, possui reservas de recursos minerais e agrícolas, sua universidade, embora de pouca qualidade, forma anualmente 2 milhões de brasileiros. Caso se consiga uma articulação de suas forças internas e se abandone essa "bobagem de modelo exportador", o País terá um vasto caminho a percorrer, segundo Carlos Lessa.

A adoção de um núcleo tecnológico para absorver as inovações da terceira revolução tecnológica (da bioenergética, robótica, informática etc.), alterando todos os processos industriais, todos os esquemas de serviços urbanos e a própria produção agrícola, é absolutamente imperioso para Carlos Lessa, que acusa o ministro Delfim Neto de ignorar o que se passa lá fora, de não dar atenção para o planejamento econômico e de "técer loas" ao casuismo, afirmando, como o fez recentemente num artigo: "Dê-me um ano e vos direi como será a década".



Gappa/Mota